

6 Conclusão

O presente trabalho procurou analisar as estratégias utilizadas pelos EUA para a região do Golfo Pérsico, no período de 1980 até 2003. Através do arcabouço teórico da geopolítica foi possível demonstrar que, apesar dos discursos dos Presidentes americanos sobre a defesa dos direitos humanos ou da necessidade de retirar um governo ditatorial do poder, o principal objetivo dos EUA com relação ao Golfo Pérsico era garantir a manutenção de seus *interesses nacionais vitais* na região, ou seja, garantir o acesso às fontes de petróleo.

A existência do recurso energético não renovável e vital para a reprodução da economia mundial, dentro dos limites territoriais do Golfo Pérsico, determinou a participação ativa dos EUA durante os três conflitos internacionais em estudo. A presença de mais de 60% das reservas internacionais de petróleo no Golfo e a produção de 30% de todo o petróleo que é consumido por dia no mundo, elevam esta região à condição de *coração energético mundial*.⁵³

A partir de uma perspectiva geopolítica, argumentou-se que o Golfo Pérsico, entendido como o *coração energético mundial*, exercia uma importância crescente junto aos demais Estados do Sistema Internacional que se tornariam cada vez mais dependentes do petróleo, devido às elevadas reservas desta região.

Os EUA, como maiores consumidores de energia petrolífera do mundo e também como os maiores importadores de petróleo, se veriam cada vez mais dependentes do petróleo do Golfo Pérsico para manterem suas altas taxas de crescimento econômico e industrial. Com o objetivo de garantir o acesso as fontes de petróleo do Golfo Pérsico, os EUA utilizaram a estratégia do *pluralismo geopolítico* para a região.

O *pluralismo geopolítico* tinha como principal objetivo garantir o terceiro *interesse nacional vital* americano: não permitir o surgimento de um hegemon regional no Golfo Pérsico. Para tal, sempre que um Estado iniciasse um processo de liderança regional, através do uso da força ou da ameaça do uso, os EUA deveriam intervir reequilibrando a balança de poder da região. Os EUA venderam

⁵³ Ver Tabela 1- Produção e reservas de petróleo no Golfo Pérsico (2004), p. 37.

armamentos para os Estados do Golfo, aplicaram sanções econômicas e comerciais e utilizaram a força militar como forma de manter o equilíbrio na balança de poder regional.

Antes da Guerra Irã-Iraque, o *pluralismo geopolítico* dos EUA deu origem à política da *Surrogate Strategy*. Tal estratégia consistia em utilizar poderes locais amigáveis para garantir a preponderância americana no Golfo. O Irã e a Arábia Saudita conseguiram assegurar os interesses americanos na região na esfera econômica e política. Na econômica, através da manutenção dos preços internacionais do petróleo estáveis, uma vez que juntos, Arábia Saudita e Irã, representavam 48% das exportações da OPEP. (ERNANI, 2004, p. 19) No aspecto político, os dois países garantiriam a manutenção dos interesses americanos no Golfo e receberiam em troca armamentos e ajuda estratégica americana.

Durante os anos 70, os EUA exportaram uma quantidade gigantesca de armamentos para o governo pró-americano do Xá Reza Pahlavi, no Irã. No entanto, se tal estratégia conseguiu militarizar o Irã, protegendo-o de algum ataque externo, a ajuda americana não foi suficiente para proteger o regime do Xá de uma crise interna. Com a emergência da Revolução Iraniana em 1979, os EUA passaram a temer uma expansão da Revolução Islâmica nos demais países árabes, o que colocaria o Irã numa posição de liderança regional.

A Revolução Iraniana de 1979 retirou do poder um antigo aliado dos EUA e colocou fim na política da *Surrogate Strategy* para o Golfo. O novo regime do Irã tinha como objetivo instaurar uma República Islâmica e afastar qualquer influência ocidental do país. O líder da Revolução, Aiatolá Khomeini, era um decidido defensor de um resgate das tradições islâmicas e, para tal, buscou interromper as relações de amizade entre o Irã e os EUA, que segundo Khomeini, representavam a ‘cabeça da serpente imperialista’.

Esta Revolução foi recebida com surpresa e apreensão pelo governo do Presidente Carter, e alguns meses depois, iniciou-se a Guerra Irã-Iraque (1980-1988). O início da guerra contribuiu para dificultar ainda mais a manutenção da estratégia americana para o Golfo Pérsico. É importante destacar que o conflito ocorreu num contexto de Guerra Fria, deste modo, a maior preocupação do Presidente Carter era manter a URSS o mais longe possível do conflito. Os EUA temiam que uma participação americana mais ativa na guerra pudesse justificar uma intervenção da URSS no Golfo Pérsico, o que poderia causar a eclosão de um

conflito bipolar numa região muito sensível para os interesses ocidentais. O Golfo Pérsico era a principal fonte de abastecimento energético do Ocidente e uma interrupção no suprimento energético da região enfraqueceria os aliados americanos: Europa e Japão. Diante destes fatores, a administração Carter optou por assumir uma posição de neutralidade com relação ao conflito entre Irã e Iraque.

A administração Reagan, porém, participou de forma mais ativa durante o conflito e se colocou ao lado do Iraque de Saddam Hussein que seria a opção ‘menos pior’. Os EUA não possuíam relações diplomáticas com nenhum dos dois países antes do conflito começar, no entanto, para evitar a expansão da Revolução Islâmica antiamericana pelo Golfo, os EUA decidiram ajudar Saddam Hussein. Para evitar uma vitória do Irã, os EUA incentivaram a exportação de armas européias para o Iraque e enviaram tecnologia e materiais americanos para o desenvolvimento do programa de armas químicas e biológicas do Iraque. Finalmente, no último ano do conflito, os EUA chegaram a intervir militarmente na guerra evitando uma vitória do Irã.

De fato, com os armamentos fornecidos pelo Ocidente e pela URSS ao Iraque, Saddam Hussein conseguiu desenvolver seu arsenal de armas de destruição em massa e realizou ataques com tais armas contra as tropas iranianas. Tal ataque foi recebido com indiferença pelas principais potências do mundo ocidental e também pela URSS. Como o Irã estava vencendo o conflito, a utilização de tais armas seria a ‘única alternativa’ para evitar que o governo de Khomeini ganhasse.

No entanto, a estratégia americana para o Golfo era baseada na simples manutenção do interesse americano e não guardava lealdade com relação a nenhum governo aliado da região. Desta forma, o episódio do Irã-Contras, quando a administração Reagan vendeu armas para o Irã através do grupo terrorista Contras da Nicarágua, evidenciou que os EUA não tinham uma relação de lealdade com o governo de Saddam Hussein. As alianças no Golfo Pérsico seriam desfeitas assim que não atendessem mais aos interesses americanos.

Depois da guerra de oito anos contra o Irã, o Iraque tinha uma elevada dívida junto aos países do Golfo Pérsico, notadamente, Arábia Saudita e Kuwait, e junto aos países europeus que também ajudaram Saddam Hussein durante o conflito. A tentativa iraquiana de elevar os preços do petróleo da OPEP, como

forma de conseguir aumentar a renda do Iraque, foi frustrada pela desvalorização do preço internacional do petróleo. Neste período ocorreu uma superprodução dos países da OPEP que prejudicou a formação de preços favoráveis ao Iraque, incluindo o Kuwait que havia ultrapassado sua cota de produção.

Acreditando que o Kuwait estaria isolado, Saddam Hussein decidiu iniciar uma invasão que poderia resolver o problema da dívida adquirida com a guerra contra o Irã. A anexação do território kuwaitiano representava para o Iraque o domínio de grande parte das reservas de petróleo do Golfo Pérsico. Saddam Hussein se tornaria um ator com quase a mesma importância que a Arábia Saudita com relação ao domínio das reservas internacionais de petróleo. Deste modo, a administração do Presidente Bush reagiu e enviou para a região do Golfo a maior tropa de soldados americanos, desde o Vietnã. Esta foi a primeira vez desde o fim da Guerra Fria que a URSS e os EUA lutaram do mesmo lado, foi a primeira vez também que o Conselho de Segurança conseguiu organizar uma coalizão internacional para enfrentar uma ameaça comum.

Os EUA não estavam dispostos a permitir que Saddam Hussein se tornasse um líder no Golfo Pérsico. Depois de impedir as aspirações de liderança do Aiatolá Khomeini com a ajuda oferecida ao Iraque durante o conflito contra o Irã, agora era o Iraque que demonstrava suas aspirações hegemônicas na região através da invasão ao Kuwait. Adicionalmente, os EUA temiam que os objetivos de Saddam Hussein incluíssem a invasão à Arábia Saudita. Seria fácil para o Iraque invadir o território saudita, uma vez que possuía o melhor exército e os armamentos mais sofisticados da região, enquanto que o exército da Arábia Saudita era pequeno e mais se assemelhava a uma força policial.

O apoio americano oferecido ao Iraque na década de 80 para equilibrar o Irã, acabou desestabilizando a balança de poder da região. O grande fluxo de armamentos enviado para o Iraque, durante a Guerra Irã-Iraque, tornou-o a maior potência bélica do Golfo Pérsico. Saddam Hussein rapidamente utilizou seu poderio para atingir uma posição de liderança na região e anexou o Kuwait. A invasão do Kuwait e a ameaça de invasão à Arábia Saudita fizeram com que os EUA, seguindo a estratégia do *pluralismo geopolítico*, fosse ao socorro das monarquias sauditas e kuwaitianas, impedindo que as aspirações hegemônicas de Saddam Hussein se realizassem.

Segundo Bernard Lewis (1992), a estratégia americana para o Golfo Pérsico com o objetivo de prevenir uma hegemonia regional, previa, desde os anos 70: "encorajar, armar, e quando necessário, apoiar um pacto de segurança regional, na maior parte das vezes, árabe". (1992, p.111) Seguindo a prática do *pluralismo geopolítico*, a política americana, "primeiro intercedeu junto ao Irã quando o Iraque parecia mais forte, depois, intercedeu junto ao Iraque quando o Irã parecia mais forte, e todo o tempo protegeu o petróleo do Kuwait e da Arábia Saudita do domínio do Iraque e do Irã". (ART, 1998/99, p. 94-95)

O pluralismo geopolítico, porém, vinha mostrando sinais de fraqueza, uma vez que se tornava muito dispendioso devido aos bastos recursos destinados a equilibrar os poderes da região, seja na forma de armamentos, tecnologia ou até no deslocamento e na manutenção de tropas americanas no exterior. Estava difícil assegurar no orçamento americano, as despesas de armar um determinado Estado no Golfo Pérsico, e depois ter que desarmá-lo, como foi o caso do Iraque.

No entanto, a Guerra do Golfo (1990-1991) foi uma grande vitória para as forças de coalizão e em especial para o líder da Operação Liberdade do Deserto: os EUA. O fim do conflito em 1991, marcou uma nova forma de fazer guerra no período pós Guerra Fria. Os EUA, a única superpotência mundial, só deveriam entrar em um conflito com uma força militar esmagadora em relação à força do inimigo, assim, a vitória dos EUA estaria garantida. No entanto, apesar da completa retirada do Iraque do território kuwaitiano pelas forças de coalizão, Saddam Hussein conseguiu continuar no poder e repreendeu com força decisiva todas as tentativas internas de derrubada do governo.

Durante o governo do Presidente Clinton, os EUA desenvolveram a política da ‘dupla contenção’ para manter os *interesses nacionais vitais* americanos no Golfo Pérsico. Tal política previa a utilização de sanções econômicas e comerciais contra o Irã e o Iraque, assim como o bombardeamento sistemático de alvos militares no Iraque. A ‘dupla contenção’ era uma política que fazia parte da estratégia do *pluralismo geopolítico*, já que não havendo nenhum país na região capaz de equilibrar e dissuadir o Irã e o Iraque, caberia aos EUA manter seus interesses de forma direta, utilizando a força militar quando necessário. Como ambos os Estados eram hostis ao poder americano no Golfo Pérsico, os EUA desenvolveram uma política para conter ao mesmo tempo tanto o Irã como o Iraque.

Os ataques de 11 de Setembro de 2001 contra o *World Trade Center* e Pentágono, durante a administração do Presidente Bush filho, intensificaram a política americana junto aos Estados do Golfo Pérsico. A administração Bush defendia que as estratégias de contenção e dissuasão, utilizadas durante a Guerra Fria, não teriam mais sentido num mundo ameaçado por ataques terroristas. Rapidamente, os EUA atacaram o Afeganistão, considerado o país ‘hospedeiro’ da rede internacional da Al-Qaeda e derrubaram o governo Talibã, acusado de colaborar com o grupo terrorista que havia atacado os EUA. Tal ataque contou com o apoio de internacional, e neste momento, a maior parte do mundo estava solidária diante da tragédia americana.

No entanto, o ataque contra o território americano foi a oportunidade para a criação da nova Estratégia de Segurança Nacional americana, que ficou conhecida como ‘Doutrina Bush’. Tal doutrina defendia que os EUA, como única superpotência de um mundo unipolar, deveriam agir de forma mais decisiva nas questões internacionais com vistas a garantir os interesses americanos. Para tal, os EUA poderiam utilizar o ataque preventivo e unilateral.

O ataque preventivo teria como finalidade garantir a proteção americana contra forças hostis, assim os EUA poderiam atacar antecipadamente caso se sentissem ameaçados por algum Estado ou grupo terrorista. O ataque unilateral, por sua vez, teria como finalidade garantir maior autonomia aos EUA na tomada de decisão nas questões de segurança nacional. Desta forma, os EUA não precisariam garantir mais o aval do Conselho de Segurança da ONU para iniciar um ataque contra forças hostis, bastaria a permissão do Congresso americano. Os ‘falcões’ da administração Bush, tinham a percepção de que os organismos multilaterais limitavam a força americana, deste modo, eles procuraram minimizar a participação destas instituições para que o poderio americano pudesse ser utilizado de forma decisiva e sem restrições.

No entanto, o advento da ‘Doutrina Bush’ enfraqueceu a relação dos EUA junto aos demais Estados do Sistema Internacional. As pretensões imperialistas explícitas na nova doutrina despertaram apreensão, já que os EUA poderiam agora atacar preventivamente a qualquer momento e em qualquer lugar do globo onde se sentissem ameaçados. Este comportamento contrariava as normas internacionais e a Carta da ONU que repreendia o ataque preventivo.

Em março de 2003, os EUA tiveram a oportunidade de colocar em teste à ‘Doutrina Bush’. Neste momento, os EUA invadiram o Iraque de forma preventiva e unilateral para retirar Saddam Hussein do poder. O ataque americano ao Iraque foi repreendido pela maior parte da opinião pública internacional e gerou muitas críticas entre os Estados aliados dos EUA. Esta invasão não obteve o aval do Conselho de Segurança da ONU e gerou uma animosidade internacional com relação ao comportamento americano.

A decisão de invadir o Iraque, porém, foi baseada numa estratégia iniciada muito antes dos ataques de 11 de Setembro. Com base na estratégia americana desenvolvida desde a década de 1970, a decisão de invadir o Iraque em 2003 tinha como objetivo à manutenção dos *interesses nacionais vitais* dos EUA na região do Golfo Pérsico. Os ataques terroristas de 11 de Setembro foram realizados por uma rede internacional cujo principal objetivo era retirar do poder a dinastia saudita. O líder da rede, Osama Bin Laden, justificou os ataques afirmando que os EUA seriam os principais responsáveis pela manutenção do governo despótico da Arábia Saudita no Golfo Pérsico.

Devido à íntima relação entre os ataques terroristas e a monarquia saudita, mais do que nunca os EUA se preocuparam com o *pluralismo geopolítico* no Golfo Pérsico. Uma possível revolução na Arábia Saudita, nos moldes da Revolução Islâmica do Irã, significaria a perda de mais um aliado na região e que detinha a maior reserva internacional de petróleo. Caso a dinastia saudita fosse derrubada e um regime antiamericano surgisse na Arábia Saudita, os EUA teriam agora três Estados hostis a presença americana no Golfo Pérsico: Irã, Iraque e Arábia Saudita, que detém juntos 71% das reservas da região.

Diante deste cenário, a retirada de Saddam Hussein do poder significaria, antes de tudo, a instauração de um governo pró-americano na região. Se os EUA realmente conseguirem implementar um novo governo no Iraque que seja pró-americano, a manutenção de fontes seguras de suprimento energético a preços baixos estaria garantida. A retirada de Saddam Hussein do poder também serviria para assinalar aos demais Estados da região que os EUA não hesitariam em iniciar um confronto armado, ainda que sem o apoio internacional, para manter seus interesses no Golfo Pérsico.

Com base no trabalho exposto pode-se concluir que as motivações geopolíticas americanas com relação ao petróleo do Golfo Pérsico foram fatores

fundamentais para moldar a política americana para a região, no período dos três conflitos em estudo. O que faz do Golfo Pérsico um ator importante para o interesse nacional vital americano é o fato desta região possuir petróleo em seu território e deter 62% das reservas internacionais.

O inescapável constrangimento geográfico determinou a existência do recurso energético não renovável e vital para a reprodução da economia mundial dentro dos limites territoriais do Golfo Pérsico. Deste modo, a participação americana nas três guerras em estudo possui origem no interesse dos EUA em manter um acesso privilegiado em relação às fontes de petróleo da região. Neste sentido, o fato do Golfo possuir abundantes fontes de recursos energéticos em seu território seria um fator motivador de conflitos:

“De fato, pesquisadores do Banco mundial descobriram que Estados com significantes ‘recursos pilháveis’ _diamantes, madeira, cobre, e outros_ ‘são quatro vezes mais propensos a ir a guerra do que um país sem commodities’. Tais Estados naturalmente dão grande ênfase na proteção dos recursos em suas políticas de segurança nacional”. (KLARE, 2002, p. 13)

Paradoxalmente, a utilização da força militar para garantir o acesso às fontes petrolíferas do Golfo gerou a perda de quantidades consideráveis destes recursos vitais. Durante a Operação Tempestade do Deserto, na Guerra do Golfo, a coalizão de países liderada pelos EUA consumiu 19 milhões de barris de petróleo por dia, quantidade suficiente para abastecer o consumo diário de um país como a Argentina. Ainda mais preocupante foi a quantidade de petróleo do Kuwait queimado durante o conflito, estima-se que 2 bilhões de barris de petróleo tenham sido destruídos durante a Guerra do Golfo, quantia equivalente a produção do Kuwait em dois anos e meio. (KLARE, 2002, p. 223)

Diante desta análise é possível destacar que a estratégia desenvolvida pelos EUA, ocasionou uma grande perda de recursos naturais durante os conflitos e ainda gerou um grande número de mortos entre a população do Golfo. Os ataques de 11 de Setembro sinalizaram para o Ocidente que a política dos EUA para o Golfo Pérsico tem gerado revolta entre a população da região. Bernard Lewis, referindo-se a estratégia adotada pelos americanos para os Estados do Golfo Pérsico, asseverou que "esta política inevitavelmente evoca a memória infeliz das últimas tentativas que geraram mais mal do que bem". (LEWIS, 1992, p. 111)